



Linguagem documentária e terminologia¹

Documentary language and terminology

Marilda Lopes Ginez de LARA²

R E S U M O

A linguagem documentária deve ser formulada rigorosamente para se constituir em sistema de organização e de comunicação da informação, qualquer que seja seu universo (bases bibliográficas, *sites* na *WEB*, conteúdos de manuais técnicos). O uso da terminologia teórica e da terminologia concreta contribui à consecução desses objetivos, à medida que fornece princípios para a identificação dos domínios, delimitação de conceitos e termos, estabelecimento de relações entre conceitos apoiadas em definições, além de prover referência concreta aos descritores. Visando melhor compreensão dos conceitos terminológicos, exploramos as normas terminológicas ISO 704:2000 e ISO 1087-1:2000, no que tange aos conceitos e à modelagem de sistemas de conceitos, destacando que a importância da Terminologia (teórica e metodológica) para a construção da linguagem documentária, transcende o uso normalizado dos termos: a apropriação de procedimentos e de conceitos terminológicos pela Ciência da Informação (e pela Lingüística Documentária) se relaciona à especificidade de seu objeto e objetivos. A utilização da terminologia, ao lado de contribuições de outras áreas, vai ao enalço da constituição de unidades de informação.

Palavras-chave: linguagem documentária, organização da informação, terminologia, normas terminológicas, lingüística.

¹ Apoio do CNPq, através de bolsa de Produtividade em Pesquisa, Processo Número 304635/003-0.

² Docente, Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, 05508-900, São Paulo, SP, Brasil. *E-mail*: <larana@usp.br>.

Recebido em 8/7/2003 e aceito para publicação em 28/6/2004.

A B S T R A C T

Documentary language must be built rigorously to constitute itself as information organizing and information communication system, in any area of its utilization (bibliographic bases, web sites or technical manuals' contents). Theoretic and concrete terminologies contribute to such objectives, as they provide principles to identify subject fields (domains), to delimit concepts and terms, and to establish concept relations supported by definitions, besides providing concrete references to descriptors. In order to make the comprehension of terminological concepts more accessible, we explore the terminological standards ISO 704:2000 and ISO 1087-1:2000, related to concepts and the modeling of concept systems. We emphasize the importance of Terminology to documentary languages construction, as it transcends the normalized use of terms: the appropriation of terminological procedures and concepts by the Information Science (and the Documental Linguistics) is closely related to its object specificity and objectives, since terminology usage, side by side with contributions from other domains, pursues the constitution of information units.

Key words: *documentary language, information organization, terminology, terminological standards, Linguistics.*

I N T R O D U Ç Ã O

A denominação linguagem documentária, além de referir-se ao conjunto dos diferentes tipos de instrumentos especializados no tratamento da informação bibliográfica (sistemas de classificação enciclopédicos ou facetados e tesouros), designa, de modo mais amplo e completo, a linguagem especialmente construída para organizar e facilitar o acesso e a transferência da informação. Os investimentos teóricos que marcaram o aprimoramento de metodologias de construção da linguagem documentária, num diálogo com disciplinas como a Lógica, a Lingüística, a Terminologia³, entre outras, mostram que seu caráter instrumental é antes uma decorrência das características que a relacionam efetivamente à linguagem natural, na sua capacidade de prover formas de estruturação e de organização de inúmeros e variados conjuntos informacionais.

É por esse motivo que, no momento em que as tecnologias digitais têm sido utilizadas na comunicação, as metodologias de construção da linguagem documentária são referidas como meios para tratar também universos não exclusivamente bibliográficos, como *sites* na *WEB*, conteúdos de manuais técnicos, de *cd-roms* de distintos assuntos, etc. Essas metodologias são essenciais à arquitetura da informação.

O interesse pela aplicação dos princípios de construção da linguagem documentária se deve, em grande medida, às bases conceituais da Lingüística Documentária. Esta, constituída pela apropriação e transformação de conceitos de outras disciplinas sob a ótica da Ciência da Informação, permite aperfeiçoar as formas pelas quais podem ser atingidos os objetivos de comunicação da informação. Dentre tais conceitos destacam-se, da Lingüística, o princípio estrutural de organização da linguagem; da

³ Para efeito de clareza, utilizaremos *Terminologia* (com T maiúsculo) para referimo-nos à Terminologia teórica e metodológica, e *terminologia* (com t minúsculo) para referimo-nos à terminologia concreta.

Lógica, a identificação das formas de raciocínio e de organização de conjuntos; da Terminologia, a modelagem do conceito e dos sistemas de conceitos, além das referências concretas para a interpretação dos termos por meio dos glossários e dicionários terminológicos especializados, que são seus produtos.

O campo da informação não é, entretanto, exclusivo dos profissionais bibliotecários e documentalistas. Um grande número de experiências, gestadas por distintas áreas (inteligência artificial, informática) e reunindo especialistas das áreas da lingüística, da engenharia, da filosofia, da psicologia e da própria Ciência da Informação, estão hoje compreendidas sob o termo Ciências da Cognição. Dentre os instrumentos propostos incluem-se as taxonomias, as ontologias, os mapas semânticos ou conceituais, os *topic maps* (MOREIRO GONZÁLEZ, 2004), designações que remetem a experiências desenvolvidas com graus variados de inovação, profundidade ou método. Não nos ocuparemos, neste artigo, destes produtos, de seus méritos, ou de seus problemas. Embora alguns deles sejam peças mercadológicas para atrair os menos avisados, nosso propósito ao mencioná-los se deve às referências comuns muitas vezes utilizadas. Deste modo, a elucidação das bases que sustentam a construção da linguagem documentária, pode congrega vários interesses pela convergência de objetivos.

Neste artigo, restringimo-nos a apontar alguns elementos da Terminologia, relacionados à formação do conceito e à modelagem de sistemas conceituais. Estes, apropriados pela Lingüística Documentária (subdomínio da Ciência da Informação), auxiliam o trabalho com a organização da informação, preparando-a para o acesso, a transferência e a apropriação.

Linguagem e linguagem documentária

A linguagem documentária é um instrumento por meio da qual se realiza a

mediação entre sistemas ou conjuntos informacionais e usuários. Ou, sob outra perspectiva, é um instrumento que exerce a função de ponte entre ao menos duas linguagens: a linguagem do sistema e a linguagem do usuário. Essa potencialidade da linguagem documentária decorre do fato de que ela constitui, em si mesma, um produto autônomo, um sistema signifiante, ou seja, um meio organizado em torno de uma área temática, que é uma das condições para possibilitar as operações de representação e de acesso à informação. Enquanto sistema de signifição e de comunicação, a linguagem documentária permite orientar a busca, ou seja, a *navegação* através de uma proposta de segmentação do universo focado.

Para que a linguagem documentária dê forma ao conteúdo, propondo-se como um modo de organização, e para que simultaneamente desempenhe o papel de instrumento de comunicação, ela deve reunir determinadas qualidades, tais como: a) funcionar como código inteligível e fonte para interpretação do sentido, b) caracterizar-se como metalinguagem, c) incorporar o usuário como integrante do processo.

A presença de todas essas características depende do rigor metodológico utilizado na sua construção, principalmente quanto à normalização semântica, ou seja, quanto ao processo de delimitação do sentido de suas unidades e, conseqüentemente, de seu todo (LARA, 1999).

Para realizar a mediação e se constituir em fonte de sentido, não basta reunir as expressões retiradas dos documentos. Ao contrário, a linguagem documentária deve dispor os seus elementos, uns em relação aos outros, para que, no conjunto, obtenha-se um sistema uno e dotado de significado. Uma linguagem documentária é “simultaneamente, um modo de organização e uma forma de comunicação da informação” (TÁLAMO, 1997).

Os operadores de sentido, mecanismos para interpretação de uma linguagem são, no caso da linguagem documentária, constituídos de forma complexa, pois têm sua origem na articulação de distintos códigos: a) no código da língua, b) no subcódigo relativo ao domínio-objeto (área de atividade, conjunto de informações tematicamente ligadas, mas ainda não necessariamente organizadas), c) e no subcódigo da Ciência da Informação (em função de seus objetivos, os de facilitar o acesso e a apropriação da informação).

O código da língua remete a um saber prévio, implícito, condição primeira para que se realize a comunicação. É preciso ter domínio da língua na qual as informações são veiculadas. Os subcódigos do domínio-objeto (das áreas de atividade, saber ou especialidade, ou mesmo do repertório focado) remetem a significados particulares: uma palavra que tem, na língua geral, inúmeros sentidos, ganha um significado preciso e definido no seio de uma linguagem de especialidade, num contexto preciso, ou num universo delimitado. O subcódigo da Ciência da Informação, por sua vez, caracteriza-se como o modo próprio como são efetuados os recortes nas áreas de especialidade, ou nos universos-foco de arranjo ou representação, e na linguagem natural, transformando as unidades desses dois códigos em unidades de informação, expressos em linguagem documentária: a delimitação de tais unidades depende de objetivos institucionais e das características dos usuários ao qual o sistema informacional se dirige. O usuário participa do processo de construção da mensagem veiculada (LARA, 1999).

Para funcionar como metalinguagem e integrar o usuário como participante do processo, a linguagem documentária deve utilizar referências de linguagem - e de significado - que sejam razoavelmente compartilhadas. Mesmo que o sistema (o *site*, por exemplo) possa ser acessa-

do por um público heterogêneo, sua condição de inteligibilidade se relaciona às características particulares que lhe conferem certa homogeneidade. O público de um sistema deve reconhecer - ou ter condições de conhecer - o que está sendo veiculado, o que diz respeito eminentemente à linguagem. Nasce daí o diálogo com a Terminologia

Quando os universos-foco são especializados - domínios do saber ou áreas de atividade - o papel da Terminologia é bem claro, fornecendo referencial concreto para a interpretação dos termos, tal como eles são definidos em cada um dos domínios de especialidade (em suas terminologias). As definições desses termos respaldam a organização das redes de relacionamento entre eles. Porém, mesmo quando não se trata de universos especializados, ou seja, trata-se de universos cujos contornos não são bem determinados, os princípios terminológicos, associados aos documentários, são essenciais para referir o processo de organização espacial e visual dos elementos do repertório em jogo.

Nesse trabalho, a Linguística Documentária propõe associar, por exemplo, a norma documentária ISO 2788 (1986) BS 5723 (1987)⁴ relativa à elaboração de tesouros (tipo de linguagem documentária), à norma terminológica ISO 704..., (2000), relativa ao trabalho terminológico com vocabulários, cujas definições são o objeto da norma ISO 1087-1..., (2000). O uso conjunto dessas normas permite compreender e operar o processo de organização de redes relacionais semântico-pragmáticas.

A Terminologia

A Terminologia é uma área interdisciplinar que dá suporte a várias disciplinas no estudo dos conceitos e sua representação em linguagens de especialidade. Termo polissêmico,

⁴ Constitui versão da referida norma, o documento: Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngües. (AUSTIN, D.; DALE, 1993).

terminologia se refere tanto à teórica e metodológica, como à terminologia concreta. Na primeira acepção, a Terminologia fornece metodologia para a descrição, ordenamento e transferência do conhecimento, indicando princípios que regem a compilação, formação dos termos, estruturação de campos conceituais, uso e administração de terminologias. Na segunda acepção, refere-se a um conjunto de termos relacionados a uma língua de especialidade. O recurso à Terminologia (teórica e concreta) é fundamental para identificar o subconjunto da língua em que as palavras significam de modo determinado, pela rede articulada de relacionamentos que lhes confere sentido.

A principal característica da linguagem documentária é dar acesso a conteúdos por um meio econômico de representação. Tanto para as bases bibliográficas, como para os *sites* ou os manuais técnicos, a unidade de acesso é um indicador sintético (tal como as definições por condensação), ou seja, um descritor, através do qual se chega aos conteúdos ou aos conjuntos de documentos cujo conteúdo é correspondente⁵. O sentido desse descritor, isolado no processo de coleta, ganha referência ao ser contextualizado relativamente a outros termos, ou ao ser acompanhado de uma definição ou explicação.

Para a Terminologia, as palavras, que têm inúmeros sentidos enquanto unidades da língua (a representação do léxico da língua está no dicionário de língua, onde cada verbete é acompanhado de inúmeros significados) se transformam em 'termos' quando localizados nos discursos dos domínios do conhecimento ou áreas de atividade (a representação dos domínios de especialidade ou áreas de atividade é feita nos dicionários especializados) (LE GUERN, 1989).

Através de normas terminológicas internacionais, a Terminologia prescreve procedimentos para a manipulação de informação terminológica e para o planejamento do trabalho de administração dessa informação. Dentre as principais atividades terminológicas, podemos citar: a identificação de conceitos e das relações entre os conceitos; a análise e modelagem de sistemas de conceitos através de diagramas de conceitos; o estabelecimento de representação dos sistemas de conceitos através de diagramas; a definição de conceitos; a atribuição de designações (predominantemente *termos*) a cada conceito, em uma ou mais línguas; o registro e apresentação de dados terminológicos (terminografia) (ISO 704, 2000).

Principais elementos da Terminologia

Os elementos centrais da Terminologia são os objetos, conceitos, termos e definições. Os conceitos se referem a objetos e são representados por termos - designações dos conceitos - que são descritos através de definições. Não se pode, porém, conceber um conceito a não ser através de uma designação, já que a linguagem é condição mesma do pensamento.

Uma interpretação semiótica da relação objeto, termo, conceito afirmaria que o termo (o signo) remete ao conceito de uma forma dinâmica, via interpretante. O triângulo semiótico utiliza uma linha pontilhada entre signo e objeto para mostrar a ambigüidade desta última noção, bem como para pôr em relevo que o interpretante não é o produto fixo dessa relação. Na proposta de Morris (DASCAL, 1978), ao processo semiótico concorrem, além do "objeto, signo e interpretante", mais dois elementos: o "contexto" e o "intéprete". O interpretante, portanto, também

⁵ A Arquitetura da Informação fala em *label* ou *etiqueta* (ROSENFELD, ; MORVILLE, 2002), termo preterido pela Ciência da Informação para não levar à ideia de algo pudesse ser "colado às coisas". Outro termo utilizado genericamente para se referir a *descritor*, é *palavra-chave*, termo que ficou reservado, entretanto, pela terminologia da Ciência da Informação, aos processos de extração da informação, não necessariamente acompanhados de arranjo ou organização.

depende necessariamente do domínio, do discurso, das condições de enunciação e da experiência colateral do receptor. Sob essa perspectiva, verifica-se que o “termo” não é uma etiqueta colada ao objeto, nem o “conceito” é uma idéia irremediavelmente presa à designação.

Embora a terminologia clássica, base das normas terminológicas, dê excessiva ênfase ao referente extralingüístico e atribua à língua apenas o papel de designação - levando a crer que o conceito não variaria segundo as línguas -, a Terminologia contemporânea questiona essa rígida separação, vendo a terminologização como um processo que não é imune às diferentes línguas. Disso decorre a aceitação das variações lingüístico-semânticas, devidas às diferentes formas culturais de delimitar o significado (CABRÉ, 1999).

Os domínios e áreas de atividade como focos do trabalho terminológico

O trabalho terminológico é realizado nos domínios ou áreas de atividade, verificando seus meios de expressão lingüística particulares, que englobam uma terminologia e uma fraseologia próprias, podendo também apresentar traços estilísticos ou sintáticos particulares. Os limites de um domínio não são fixos e dependem de propósitos e pontos de vista particulares (ISO 1087-1..., 2000).

Para a norma 704, os conceitos são representações mentais dos objetos dentro de contextos ou campos especializados. Sob nosso ponto de vista, essa distinção pretende separar *fatos da linguagem geral*, de *fatos da linguagem de especialidade*, para mostrar que, num trabalho terminológico, a linguagem das ciências e a das técnicas têm características diferentes da linguagem do senso comum. A distinção não

privilegia a linguagem da ciência, como se poderia pensar numa análise apressada, já que trabalhos terminológicos podem ser desenvolvidos em áreas não tão formalizadas. É necessário considerar, entretanto, que os limites entre as duas linguagens não são sempre nítidos, uma vez que a linguagem de especialidade nada mais é do que um subconjunto do sistema lingüístico - portanto, parte da língua -, usado numa área de assunto particular e caracterizada por uma terminologia específica (LARA, 1999). É inegável verificar, todavia, que existem diversas linguagens de variados graus de especificidade, como espécies de ‘normas’ dentro do sistema da língua. Existem linguagens separadas, específicas (as terminologias, relativas a disciplinas distintas), como existem níveis de saber diversos (SAGER, 1993).

A focalização no domínio opera a especialização da palavra, à medida que fornece o contexto necessário ao seu pleno entendimento e significação. Este é um recurso importante para a elaboração da linguagem documentária, uma vez que a delimitação do domínio permite recompor a referência, para a interpretação de palavras que, na coleta, foram descontextualizadas de seus textos de origem.

Objetos e conceitos

Para as normas terminológicas, a relação entre objetos e signos lingüísticos é feita via conceitos (ISO 704..., 1987). O “conceito” (termo equivalente e preferido à “noção”⁶) é uma unidade de conhecimento criada por uma combinação única de características. Embora não estejam necessariamente ligados às línguas particulares, os conceitos são geralmente influenciados pelo contexto sociocultural, do que decorre a possibilidade de categorizações diferentes

⁶ Embora alguns autores estabeleçam diferenças entre conceito e noção, a terminologia brasileira tende a aceitar mais a primeira designação. A ISO 1087-1:2000, em sua edição bilingüe, prescreve *concept*, em inglês; para a língua francesa, *concept* ou *notion* são designações aceitas, destacando-se a primeira como entrada principal.

segundo as diversas línguas (ISO 1087-1..., 2000).

A formação de um conceito é considerada fundamental na organização do conhecimento, porque provê os meios necessários ao reconhecimento dos objetos e seu agrupamento em unidades significativas num domínio particular. Esse agrupamento é realizado pela identificação de características ou propriedades comuns, compartilhadas por tais objetos, ou, cuja combinação pode diferir entre culturas, campos ou escolas de pensamento (ISO 704..., 2000). A característica, portanto, é a propriedade abstraída de um objeto, ou de um conjunto de objetos, que serve para descrever um conceito (ISO 1087-1..., 2000). Citamos como exemplo Lápis: feito de uma longa e fina peça de grafite, o corpo de grafite é envolvido por um invólucro de madeira, o envólucro é amarelo, numa ponta existe uma borracha, em outra ponta, o grafite e o envólucro devem ser apontados, é usado para escrever ou fazer marcas (ISO 704, 2000).

As características são agrupadas em tipos de características (como por exemplo, pelas categorias cor, material, composição, forma, função, uso, origem, localização, etc.) que servem de critério de subdivisão quando do estabelecimento de sistemas de conceitos (ISO 704..., 2000). A utilidade das características depende de propósitos práticos. O conjunto de características que se combinam para constituir o conceito corresponde à intenção(ou compreensão) do conceito; a extensão é a totalidade dos objetos aos quais um conceito corresponde. Ex.: o conceito ave tem uma intenção maior do que o conceito animal, que tem uma extensão maior (e vice-versa).

As características, como os conceitos, não existem de forma independente. Elas são abstrações produzidas pela segmentação, necessária à demarcação dos objetos no mundo, pela língua. É da natureza humana segmentar e, depois, generalizar, como meio de conhecer, organizar o mundo e possibilitar a comunicação

intersubjetiva. A delimitação de características permite dar forma aos conceitos (intenção) e organizá-los em classes (extensão), operação essa que não é isenta de condicionantes culturais e funcionais. A norma não indica algo artificial, mas propõe realizar metodologicamente um procedimento inerente ao processo de conhecimento e de representação. O processo de delimitação de conceitos é uma importante ferramenta para a modelagem dos sistemas de conceitos, para a formulação de definições e, muitas vezes, para o processo neológico de criação de designações.

As relações entre os conceitos

Do mesmo modo que as palavras na língua, os conceitos não existem isoladamente, mas relacionados uns aos outros. Para a Terminologia, de base lingüística, isso deve ser entendido como consequência da própria característica das línguas naturais, já que, como parte de subconjuntos lingüísticos, o significado dos termos que correspondem a conceitos, se resolve internamente a esses subconjuntos. Portanto, é a estrutura de relacionamento entre os termos (que correspondem a conceitos) que permite dotá-los de significado.

As relações entre os conceitos são constantemente redefinidas em função da área de conhecimento e dos objetivos dos usuários. Modelar um sistema de conceitos é montar sua estrutura de relacionamento. Nesse processo, são identificadas relações de superordenação e subordinação - as relações hierárquicas (genéricas e partitivas) e relações associativas (ISO 704..., 2000). A visualização dessas relações pode ser facilitada pelo uso de diagramas ou representações gráficas.

A determinação da natureza das relações depende do exame das características. A terminologia de um domínio não é uma coleção arbitrária de termos, mas uma coletânea de designações que representam os conceitos e

que formam a estrutura de conhecimento de um domínio. Os conceitos devem refletir um sistema coerente de conceitos, a partir das relações estabelecidas entre eles. A posição de um conceito dentro de um sistema é determinada pela sua intenção - conjunto singular de características que o constituem - e pela sua extensão - totalidade de objetos aos quais corresponde o conceito, conforme já vimos. Os sistemas de conceitos variam em sua organização, uma vez que diferentes abordagens dos domínios são possíveis: sistemas genéricos, partitivos ou associativos de conceitos, conforme as relações (genéricas, partitivas ou associativas) em jogo.

A definição

Através do relacionamento entre os conceitos pode-se chegar a uma definição. Para as normas terminológicas, a definição é uma representação de um conceito por um enunciado descritivo que permite diferenciá-lo dos conceitos associados (ISO 1087-1..., 2000). "A definição é, por excelência, classificadora, hierarquizante, estruturante" (DESMET, 1990).

As definições previstas pelas normas terminológicas são as intencionais ou extensionais, que definem o conceito como unidade com uma única intenção e extensão. Uma definição intencional (ou definição por compreensão) descreve a intenção do conceito, indicando o conceito imediatamente superordenado, seguido da(s) característica(s) que distingue(m) o conceito de outros conceitos coordenados (ISO 1087-1..., 2000), mostrando mais claramente suas características essenciais. Elas correspondem à definição aristotélica: gênero próximo, diferença específica, sendo iniciada pela menção ao conceito genérico seguido das características distintivas do conceito sob definição.

Ex.: *lâmpada incandescente*: lâmpada elétrica (conceito superordenado) cujo filamento

é aquecido por uma corrente elétrica de modo que ela emita luz (característica distintiva) (ISO 1087-1..., 2000).

Já a definição extensional, descreve o conceito enumerando todos os conceitos subordinados que correspondem a um critério de subdivisão.

Ex. *Família 18 da Tabela Periódica de Elementos Químicos*: hélio, neônio, argônio, criptônio, xenônio, radônio (ISO 1087-1..., 2000).

A literatura terminológica prescreve, todavia, outros tipos de definição, uma vez que, de fato, são poucas as que seguem o padrão aristotélico "gênero próximo, diferença específica". As definições podem ser feitas também por sinonímia, por paráfrase, por síntese, por implicação (usando a palavra num contexto explicativo), por demonstração (a definição ostensiva), além das definições que combinam vários dos tipos anteriores (SAGER, 1990).

A designação

A cada conceito corresponde, também, uma designação, que é uma representação feita por um signo, lingüístico ou não. Há três tipos de designações: os símbolos, os nomes⁷ e os termos. O nome é uma designação verbal de um conceito único (por exemplo, Escola de Comunicações e Artes). O termo é uma designação verbal de um conceito geral dentro de um domínio específico (por exemplo, escola) (ISO 1087-1..., 2000). O símbolo pode designar tanto um conceito geral como um conceito individual (por exemplo: *Ag*, que denota *Argentum*; Ω , que denota ômega) (ISO 704..., 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirmamos, de início, que uma linguagem documentária deve se caracterizar como um

⁷ *Appellation* ou *name*, em inglês; *appellation* ou *nom*, em francês (ISO 1087-1..., 2000).

código (ou mais que isso, um sistema de significação e de comunicação uno, coerente), funcionar como metalinguagem (estabelecer uma relação de isotopia com um *corpus* discursivo) e incorporar, no seu processo de construção, referências institucionais e dos usuários-alvo. Apresentamos, em seguida, algumas noções da Terminologia relacionadas aos conceitos e à sua modelagem, que são referência à Linguística Documentária e à Ciência da Informação. A exploração desses conceitos teve como objetivo demonstrar que há um diálogo profícuo entre a Terminologia e a Ciência da Informação, no que tange ao tratamento dos dados informacionais.

É necessário acrescentar, porém, que a apropriação das contribuições terminológicas para a elaboração da linguagem documentária transcende o uso normalizado dos termos. A padronização, apesar de seu caráter coercitivo, permite ampliar as chances de circulação da informação; no entanto, a padronização não é o principal objetivo do trabalho terminológico, como também não deve ser o da Ciência da Informação. Mais do que a utilização de produtos terminológicos prescritivos, a Terminologia oferece parâmetros para operar com maior rigor a organização e a delimitação dos universos de informação, base indispensável para o estabelecimento das conjunções, disjunções, associações e equivalência entre conceitos, sedimentadas em definições e na observação do uso. A Terminologia, tanto teórica como concreta, auxilia a decupagem dos domínios e a organização da rede lógico-semântica entre os termos.

No âmbito dos estudos terminológicos, tal como acontece em quaisquer disciplinas, não existe unanimidade teórica. As várias escolas terminológicas conferem importância diferenciada à Lógica, à Linguística e às Ciências Cognitivas, o que influencia as abordagens da realidade e confere diferentes ênfases aos aspectos prescritivos ou descritivos. É preciso conhecer tais escolas para proceder a escolhas e para

não utilizar suas contribuições como meros mecanismos operacionais.

Do mesmo modo, a interface entre a Ciência da Informação e a Terminologia não se faz pela mera agregação de conceitos. Muitos terminólogos vêm na Ciência da Informação (ou mais precisamente, na Documentação) o apoio concreto para a existência da Terminologia: os terminólogos elaboram produtos artificiais (glossários, dicionários) a partir das formas naturais dos termos, tal como eles aparecem nos discursos, para o que é necessário contar com documentação especializada. Sob o ponto de vista dos terminólogos, a utilidade da Terminologia à Documentação se dá pelo seu caráter normativo, já que o uso de termos padronizados confere à representação dos conhecimentos transmitidos por um documento, sistematicidade e univocidade (CABRÉ, 1999).

Nossa opinião é a de que o referido intercâmbio entre disciplinas pode assumir características diferentes, dependendo, por um lado, de como a área de Ciência da Informação se apresenta às outras áreas e à Terminologia em particular; por outro lado, esse intercâmbio depende de como a Ciência da Informação se apropria dos conceitos terminológicos. Com efeito, a Ciência da Informação, ao estabelecer mais claramente seu objeto e campo de trabalho, pode mostrar melhor, tanto os produtos de sua atividade, como a sua especificidade (que não é, reafirmamos, em nenhuma hipótese definida pelo empréstimo de conceitos das várias disciplinas com as quais se relaciona). Não é nosso objetivo, neste artigo, discutir as contribuições da Ciência da Informação à Terminologia. Sobre a relação inversa, podemos afirmar que, uma vez que a Ciência da Informação se imponha como área que visa organizar e transferir informação - objeto concreto do campo da Linguística Documentária que é um de seus subdomínios -, o uso da Terminologia se fará em direção à constituição de unidades de informação, que não são constituídas apenas de termos normalizados.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, D.; DALE, P. *Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngües*. Brasília: Ibict, 1993.
- CABRÉ, M.T. Terminología e documentació. In: CABRÉ, M.T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- DESMET, I. Questões de semântica em terminologia: a problemática da definição terminológica. *Terminologias*, n.2, p.4-21, 1990.
- DASCAL, M. Les sémiologies contemporaines. In: DASCAL, M. *La sémiologie de Leibniz*. Paris: Aubier Montaigne. cap.2. 1978.
- ISO 1087-1 (E/F). *Terminology work - Vocabulary, Part 1: theory and application / Travaux terminologiques - Vocabulaire - Partie 1: théorie et application*. Genève: International Standard Organization, 2000.
- ISO 704. *Terminology work - principles and methods*. 2.ed. Genève: International Standard Organization, 1987.
- ISO 704. *Terminology work - principles and methods*. 2.ed. Genève: International Standard Organization, 2000.
- ISO-2788/BS5723. *Guidelines to the establishment and development of monolingual thesauri*. Genève: International Standard Organization; 1986/1987.
- LARA, M.L.G. *Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas*. 1999. 280. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LE GUERN, M. Sur les relations entre terminologie et lexique. *Meta*, v.34, n.3, p.340-343, 1989.
- MOREIRO GONZÁLEZ, J.A. *El contenido de los documentos textuales: su análisis y representación mediante lenguaje natural*. Gijón: Ediciones Trea, 2004.
- ROSENFELD, L.; MORVILLE, P. *Information Architecture for the World Wide Web*. 2.ed. Beijing: O'Reilly. 2002.
- SAGER, J.C. Prólogo: la terminologia, ponte entre varios mundos. In: CABRÉ, M.T. *La terminologia: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida; p.11-17, 1993.
- SAGER, J.C. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- TÁLAMO, M.F.G.M. *Linguagem documentária*. São Paulo: APB, 1997. (Ensaio APB, n.45).